

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

DANILO YOSHIO HATORI
MARIANA SKROCH DOMAKOSKI

**LIVROREPORTAGEM “TUDO É UM SÓ CORAÇÃO. PRA FRENTE BRASIL –
UM RELATO DO FUTEBOL NA DITADURA MILITAR”**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2009

DANILO YOSHIO HATORI
MARIANA SKROCH DOMAKOSKI

**LIVRORREPORTAGEM “TUDO É UM SÓ CORAÇÃO. PRA FRENTE BRASIL –
UM RELATO DO FUTEBOL NA DITADURA MILITAR”**

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Toni André Sharlau Vieira

CURITIBA

2009

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a nosso orientador, professor Toni Sharlau, pela paciência, dedicação e firmeza nas horas de cobrança.

Ao professor Mário Messagi, pelas orientações e direcionamento durante a pré-banca, que nos ajudaram a encontrar um novo rumo para nosso trabalho.

Aos membros da banca, por disponibilizarem um tempo para avaliar nossa produção.

À professora Myrian Del Vecchio e à Juliane Bazzo, por terem nos apresentado ao livro reportagem e ao jornalismo literário de forma mais aprofundada.

As nossas fontes, que nos ajudaram a compreender da melhor forma possível o rumo de nossa pesquisa.

Aos nossos pais, que sempre oferecem apoio, em qualquer situação. Tristes, estressados, alegres... não importa como estamos, eles sempre estão junto.

Aos nossos companheiros, Amanda e Ronald, pela ajuda, pelo carinho, compreensão e apoio.

Aos nossos amigos, por estarem presentes nas horas de maior estresse e de maior felicidade.

Todos esses, de uma forma ou de outra, tornaram nossa pesquisa possível, suportável e prazerosa, e fizeram este dia chegar mais depressa. Muito obrigado!

A grande questão de jornalistas literários quando estão em prolongadas imersões é a compreensão do tema em um nível que Henry James chamou de “felt life” (“vida sentida”) - o nível franco, o nível livre de idealizações, que apresenta as diferenças individuais, a fragilidade, a delicadeza, a sordidez, a generosidade, a futilidade, a pompa, a humildade. (...) Este é o nível no qual pensamos nossas vidas todos os dias, quando não estamos nos enganando. (KRAMER, Mark, 2007).

RESUMO

DOMAKOSKI, Mariana; HATORI, Danilo. Livrorreportagem “Tudo é um só coração. Pra frente Brasil – Um relato do futebol na Ditadura Militar”. 2009. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo); Curitiba, 2009.

Este trabalho apresenta uma análise sobre a relação entre a Ditadura Militar Brasileira e o futebol, esporte mais popular do país, e sobre a construção da identidade nacional com base nesse esporte. Além de uma análise do âmbito nacional, também há considerações sobre essa relação no estado do Paraná, com base no depoimento de alguns jogadores das décadas de 1960 e 1970 e de alguns jornalistas que atuaram no período. Neste trabalho também podem ser encontrados conceitos sobre livrorreportagem, jornalismo literário e leitura, que embasaram a produção do livrorreportagem *Tudo é um só coração. Pra frente Brasil – Um relato do futebol na Ditadura Militar*, que trata da relação entre futebol e poder militar brasileiro.

Palavras-chave: Futebol, Ditadura Militar, Poder, Política, Influência, Identidade Nacional, Livrorreportagem, Pacto de Leitura.

ABSTRACT

DOMAKOSKI, Mariana; HATORI, Danilo. Livrorreportagem “Everything is one heart. Onwards Brazil - A report of football in the military dictatorship”. 2009. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo); Curitiba, 2009.

This paper presents an analysis of the relationship between the Brazilian military dictatorship and football, most popular sport in the country, and the construction of national identity based on that sport. In addition to the analysis of nationwide, there are some considerations about this relation in the state of Parana, based on 1960 and 1970 players’ testimony and some journalists’, who worked during the period. This work also presents literary, literary journalism and reading concepts, which provided the basis for the production of the book *Everything is one heart. Onwards Brazil - A report of football in the military dictatorship*, which deals with the relationship between football and military power in Brazil.

Keywords: Football, Military Dictatorship, Power, Politics, Influence, National Identity, Livrorreportagem, Reading Pact.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
SOBRE OS EPISÓDIOS HISTÓRICOS ESCOLHIDOS	8
JUSTIFICATIVA	13
1 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO LIVRORREPORTAGEM	20
2.1 NEW JOURNALISM E LIVRORREPORTAGEM.....	22
3 A ESCOLHA DO LIVRORREPORTAGEM COMO SUPORTE PARA CONTAR A HISTÓRIA	24
3.1 JORNALISMO LITERÁRIO, LIVRORREPORTAGEM E ASPECTOS DA LEITURA: CONCEITOS DE MARK KRAMER E VINCENT JOUVE	24
3.2 CONCEITOS DE EDVALDO PEREIRA LIMA	29
4 O LIVRORREPORTAGEM “TUDO É UM SÓ CORAÇÃO. PRA FRENTE BRASIL – UM RELATO DO FUTEBOL NA DITADURA MILITAR”	34
4.1 SOBRE OS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	34
4.2 OS ENTREVISTADOS	35
4.3 A CONSTRUÇÃO	37
4.4 OS CAPÍTULOS	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo analisar a relação existente entre o poder político do Paraná e o futebol paranaense durante os anos de 1960 e 1970, durante o governo militar. Um de nossos objetivos específicos era produzir um livrorreportagem sobre o assunto.

Para tornar possível nossa análise e a produção do livrorreportagem, tínhamos algumas etapas específicas a cumprir: verificar se houve influência do poder político em determinados eventos esportivos mundiais (esses eventos e as razões que nos levaram a escolhê-los serão expostos mais adiante ainda neste capítulo), para compreender de que forma o esporte em geral modificava e era modificado pela política, se houve a utilização do futebol pela política como forma de aproximação da população e buscar evidências e fatos que mostrassem a natureza das relações existentes entre futebol e política no estado do Paraná durante as décadas de 1960 e 1970.

A fim de compreender quais eram as características do período que estudávamos, fizemos pesquisas bibliográficas sobre Ditadura Militar Brasileira e governo militar paranaense. Era necessário visualizar e entender melhor a situação econômica, política e social da época para entender o comportamento de jogadores e jornalistas atuantes naquele período.

Nesse ponto do trabalho, utilizamos basicamente livros de dois professores do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR): o Mestre em Ciência Política e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Dennison de Oliveira e a Doutora em História pela mesma instituição Marion Brepohl de Magalhães. A partir desses dois pesquisadores, pudemos ter uma base de análise da época para a construção do livrorreportagem.

Outra etapa importante deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica na área de futebol e construção da identidade nacional do Brasil. Ao lermos os autores escolhidos para esse objetivo (apresentados mais adiante neste capítulo), percebemos que a trajetória desse esporte no país foi responsável pela opinião que as pessoas têm dele, elevando-o a um patamar de elemento social, formador de identidade..

Passadas essas etapas, começamos o trabalho de entrevistas com, basicamente, atletas e jornalistas da época e com pessoas que, de alguma forma,

têm em seu cotidiano contato com a política e com o futebol. Conversamos com Jairo do Nascimento, que atuou nas décadas de 1970 e 1980 no clube paranaense de futebol Coritiba; Aladim Luciano, que também foi jogador nessas duas décadas; Barcímio Sicupira, jogador do Atlético Paranaense durante o final da década de 60 e início da de 70; Quarentinha, que atuou no Seletto de Paranaguá em 1964. Além desses jogadores, entrevistamos também os ex-dirigentes do Colorado, Luis César Júnior e José Domingos (que também dirigiu o Paraná Clube), o radialista Mário Celso Cunha e os jornalistas esportivos Gilberto Fontoura e Carneiro Neto.

Para complementar nossa pesquisa, recorreremos também a estudiosos e historiadores, como Dennison de Oliveira, professor de história da Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição. Além dele, coletamos depoimento do historiador e um dos autores do livro *Futebol do Paraná – 100 anos de história* (H. I. Machadom 2005), Heriberto Ivan Machado, do estudioso da história do Botafogo de Futebol e Regatas, Luis Carlos Vilarinho, do professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e coordenador do grupo de estudos Futebol e Sociedade, da instituição, Luís Carlos Ribeiro, do membro do grupo, Ernesto Marczał, e do presidente da Torcida Os Fanáticos, do Atlético Paranaense, Julião Sobota.

SOBRE OS EPISÓDIOS HISTÓRICOS ESCOLHIDOS

Para compreender a relação existente entre poder político e futebol no Paraná durante as décadas de 1960 e 1970, acreditamos que seria necessário destacar alguns episódios na história do próprio futebol e dos esportes em geral, que apontam para possíveis envolvimento entre os dois campos.

O critério que utilizamos para escolher cada um deles foi baseado na abrangência de comentários que geraram na mídia e nas conversas entre as pessoas.

Do dia 1º ao dia 16 de agosto de 1936 a Alemanha foi palco da 10ª edição dos Jogos Olímpicos modernos. Estavam presentes equipes de 49 países, que competiriam entre si em 21 modalidades esportivas diferentes. Berlim havia vencido a cidade de Barcelona (Espanha) na disputa para sediar os jogos, o que auxiliou o

então primeiro ministro, Adolf Hitler, a divulgar ideologias nazistas, que apontavam os arianos como seres humanos superiores.

Com grande pressão nos bastidores, a candidatura de **Berlim-ALE** foi escolhida para sediar as **Olimpíadas de 1936**, derrotando Barcelona-ESP. Assim, o primeiro ministro **Adolf Hitler** esperava demonstrar ao mundo, por meio dos esportes, a superioridade ariana sobre as demais etnias. (JORNAL GAZETA DO POVO, 2008).

Essa tentativa de aproveitar a competição para disseminar ideias políticas foi abalada pelo atleta afro-americano Jesse Owens, que ganhou quatro medalhas de ouro em provas de atletismo.

No Brasil da Ditadura Militar, durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici, também existiram fatos que apontam para a existência de uma relação entre o poder político e o esporte. O então treinador da Seleção Brasileira de futebol, João Saldanha – comunista militante -, foi afastado do comando do time e substituído por Mário Jorge Lobo Zagallo, que acabou participando da Copa do Mundo de 1970, realizada no México.

Durante os Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim (China), a tensão entre China e Tibete era noticiada. Após manifestações que ocorreram em Lhasa, capital tibetana, em março de 2008, o governo chinês proibiu a entrada de turistas naquela região autônoma do Tibete. Jornalistas já tinham seu acesso negado antes dos acontecimentos na capital.

O conflito entre China e Tibete começou em 1949, quando a administração da China foi assumida pelo Partido Comunista. Em 1950 começaram as invasões por parte do Exército Popular de Libertação, que destruiu patrimônios e causou mortes de milhares de pessoas sob o discurso de libertação da região. Mas essa liberdade correspondia a uma mudança nos costumes de uma sociedade que era livre.

A religião era um dos principais elementos a definir o Tibete como nação. Os costumes e os ensinamentos budistas organizavam o calendário oficial e regulavam a ética profissional, as relações familiares e os assuntos nacionais. Monastérios e templos constituíam centros de estudos elevados e armazenavam de obras de arte a trabalhos sobre literatura, medicina, política etc. (FRANCINE, 2008).

Desde então, o conflito se estende, e o fato de a proibição da entrada de jornalistas e turistas no Tibete ter ocorrido em momento de forte divulgação jornalística (durante as Olimpíadas), fez com que a situação ficasse ainda mais conhecida. O público soube da distância entre o discurso chinês durante os Jogos e a conduta realmente utilizada. "A máquina de propaganda chinesa está tentando retratar a China como uma sociedade livre e aberta, e esse claramente não é o caso", foram as palavras da diretora-executiva da Human Rights in China, Sharon Hom, em entrevista para o jornal O Estado de S. Paulo Online de 26 de março de 2008 ("Relação entre Olimpíada e Tibete irrita chineses". Acesso em 02 jun. 2009).

Quanto à Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália, havia o desejo por parte da administração vigente de que o país sede fosse campeão, para que o fascismo comandado por Benito Mussolini angariasse mais apoio popular. Em 1978, na Argentina, indícios apontaram para a possibilidade de o governo militar do país, na época comandado pelo general Jorge Rafael Videla, estar apostando na vitória no campeonato para aumentar a sua aceitação local. Após a partida em que a Seleção Peruana perdeu para a anfitriã, rumores sobre o que poderia ter acontecido às escondidas passaram a surgir.

O período da Ditadura Militar Brasileira também é abordado neste trabalho e constará como parte importante do livro-reportagem a ser produzido, já que nosso objetivo com esta pesquisa é verificar se houve alguma forma de relação entre o poder político e o futebol brasileiro.

A partir de 1973 o Brasil saiu do chamado "Milagre Econômico", viabilizado por medidas adotadas pelo Ministro da Fazenda Antônio Delfim Netto, e entrou numa crise econômica, com processos inflacionários crescentes. A elite que apoiava o regime militar era agora prejudicada pelas atitudes políticas desse mesmo regime, que fez empréstimos para a construção de obras públicas como a ponte Rio-Niterói e que teve sua dívida externa exacerbada.

Nesse contexto assumiu o governo, em 1974, Ernesto Geisel. O novo presidente deparou com uma oposição fortalecida pela crise econômica, que dava cada vez mais poder ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Como forma de combate ao poder da oposição, Geisel instituiu o "Pacote de Abril", em 1977, fechando o Congresso Nacional – que contava com a maioria expressiva de partidários do MDB – e prorrogando o mandato presidencial para seis anos. Com

essas atitudes, Geisel, angariou apoio de políticos e retirou do governo os opositores, a fim de facilitar a entrada de João Batista de Oliveira Figueiredo no poder.

Foi nesse cenário político, no qual a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) buscava apoio popular, que o futebol tornou-se um possível meio de desviar a atenção da população sobre a situação do país. Com interferência direta do governo militar, o Campeonato Brasileiro, criado em 1971, passou a contar com um grande número de participantes. De acordo com o site Gazeta Esportiva.Net, o torneio, que começou com 20 clubes, passou a 26 em 1972, a 40 em 1973, teve 54 em 1976 e chegou a 74 clubes em 1978. O recorde foi atingido em 1979, já com Figueiredo no poder, quando 94 times participaram da competição. Essa situação deu origem à frase do presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), almirante Heleno Nunes, que dizia “Onde a ARENA vai mal, um clube no Nacional. Onde a ARENA vai bem, um clube também”. O Campeonato voltou a reduzir o número de participantes apenas em 1980, com a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e um protesto por parte dos maiores clubes do país.

Figueiredo assumiu a crise econômica brasileira, que teve início em 1973. Em seu governo a abertura política começou a tomar forma, com o fim do bipartidarismo. A ARENA tornou-se Partido Democrático Social (PDS), enquanto o MDB transformou-se em partido também, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). O Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT) surgiram nessa época. A reorganização proposta por Figueiredo foi combatida pelos partidários do regime militar fechado.

Na esfera econômica, o ministro Delfim Netto, que atuou no Ministério da Fazenda durante o governo Médici, foi nomeado novamente para o cargo, a fim de conter a crise pela qual o país passava. Diversas medidas foram adotadas, como a organização do III Plano Nacional de Desenvolvimento, que não surtiu efeito. A situação tornava-se cada vez mais insustentável, e a abertura política era quase uma certeza. Os movimentos favoráveis às eleições diretas pipocavam em todo o país, principalmente em 1982, mas a emenda constitucional Dante de Oliveira, que propunha uma eleição direta em 1985, não foi aprovada. Novamente foi o Congresso Nacional que votou para a Presidência da República. O civil Tancredo de

Almeida Neves foi o escolhido para o cargo, mas não chegou a assumi-lo, pois faleceu vítima de um câncer no intestino.

A chamada “Nova República” teve início com a eleição de Tancredo Neves e com a posse de José Sarney. Seu governo durou até 1990, e teve como principais características a legalização do Partido Comunista (PC) e a criação de uma nova Constituição, de 1988.

O futebol paranaense das décadas de 1960 e 1970 também será alvo de pesquisa, para a compreensão de como o Paraná se posicionava com relação à situação política da época, especialmente durante os anos 60 e 70. A coleta de dados mais detalhada sobre esses episódios irá auxiliar na produção de um livro-reportagem.

No presente trabalho, será apresentado, primeiramente, o universo de pesquisa, bem como os objetivos dela. Mostrar quais foram as contribuições dos meios de comunicação durante as décadas de 1960 e 1970 em relação ao futebol e ao poder constitui um dos objetivos específicos, assim como a verificação de fatos que possam mostrar se existiu uma ligação entre o poder político e o futebol durante a Ditadura Militar no estado do Paraná.

Também são expostos no presente trabalho os motivos que levaram à abordagem do assunto - a possível relação entre poder e futebol em determinados momentos da trajetória do esporte no mundo, no Brasil e no Paraná – e por que o livro-reportagem foi escolhido como suporte.

A escolha do tema foi feita com base no interesse por parte da equipe em investigar se havia alguma forma de conexão entre futebol e poder político, assim como se isso existia no estado do Paraná, especificamente. Um primeiro contato com o jogador Jairo do Nascimento, que atuou no Coritiba durante a década de 1970 já foi realizado. Um dos fundadores do Movimento Unido Coritibano (MUC), que surgiu em 1970, Edson Fink, também foi contatado e mostrou-se disponível a conversar sobre como era a realidade nos campos de futebol, assim como o professor Heriberto Ivan Machado, que estuda a história do Atlético Paranaense. Outros jogadores, historiadores e jornalistas atuantes na época também serão contatados futuramente.

Mostrar o futebol como um elemento social também motivou a abordagem do tema, já que no Brasil ele constitui um forte elemento de construção da identidade nacional. Para abordar esse aspecto do futebol no Brasil (como elemento

social), foi exposta uma breve trajetória do futebol no país, desde a sua chegada (trazido por ingleses) até a popularização. Uma pesquisa bibliográfica na área também foi realizada, para entender de que forma esse esporte tornou-se tão popular. Luís Fernando Verissimo, com “Internacional: colorado ou autobiografia de uma paixão” (Ediouro, 2004), Armando Nogueira e seu livro “A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar” (Companhia das Letras, 1994), “Quando é dia de futebol” (Record, 2002), com textos de Carlos Drummond de Andrade, selecionados por Mauricio Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond, “Complexo de vira-latas”, de Nelson Rodrigues (Companhia das Letras, 2002) e “Explorações: Ensaio de sociologia interpretativa” (Editora Rocco, 1986), de Roberto Damatta foram as obras e autores escolhidos para conceituar esse capítulo do presente trabalho.

Para explicar a escolha do livro-reportagem como suporte, foram utilizados conceitos propostos por Edvaldo Pereira Lima em “O que é livro-reportagem” (Brasiliense, 1993) e “Páginas Ampliadas – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura” (Unicamp, 1993). O movimento estadunidense *New Journalism*, da década de 60, também é base para a defesa da utilização do livro-reportagem, já que propunha um jornalismo mais literário, com reportagens mais densas e detalhadas.

JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa se justifica pela intenção de mostrar como a realidade da Ditadura Militar Brasileira influenciava o futebol e como também era por ele influenciada, tanto no âmbito nacional, quanto no ambiente paranaense.

Em se tratando da relação entre futebol e política no estado do Paraná, é importante abordar este tema devido ao pouco estudo dedicado ao assunto. Por possuir times que atuaram durante a Ditadura Militar Brasileira – por exemplo, o Coritiba Foot Ball Club, o Clube Atlético Paranaense e o Colorado Esporte Clube -, é interessante verificar se, em algum momento, houve uma influência da política no futebol e vice-versa. Pareceu interessante estudar e retratar como o futebol paranaense se posicionou a respeito do regime político em vigor.

Outro aspecto importante que quisemos apontar neste trabalho é o futebol como um elemento social no Brasil. Além do capítulo célebre da Copa de 1970, ocorreu também o aumento vertiginoso de clubes participantes do Campeonato Brasileiro, desde 1972 até 1979, ano em que o auge foi atingido, com 94 times participantes. Como afirma o jornalista José Geraldo Couto, em matéria “A elite e o povo”, da revista Carta Capital de 5 de novembro de 2008, p. 63, “(...) *a prática esportiva passou a ser vista como um instrumento disciplinador das populações urbanas, e o futebol, como um poderoso fator de integração nacional.*”.

A Democracia Corinthiana, movimento da década de 1980, é outra prova de que a influência do futebol ultrapassa a área esportiva, tornando-se, inclusive, elemento de consciência política. Liderado pelos jogadores Sócrates, Wladimir e Casagrande, o Club Corinthians Paulista, presidido à época por Waldemar Pires, vislumbrou uma experiência autêntica de democracia, ao implantar um sistema de igualdade entre todos os funcionários do clube, desde os jogadores até o presidente. Todas as decisões tomadas seriam por meio do voto, sendo que o mesmo peso era atribuído a todos os votos.

Os aspectos apontados anteriormente foram reunidos em um livrorreportagem - dirigido a estudiosos e interessados pelo assunto - devido à capacidade desse instrumento de oferecer um relato de forma mais contínua. O assunto abordado apresenta muitos meandros para ser apresentado em uma matéria diária de jornal ou uma reportagem semanal de revista. Até porque esses dois meios de comunicação são mais facilmente descartados ao final da leitura. Um livro permite o retorno constante as suas informações e pode ser produzido em um período maior de tempo. Este último fator pode propiciar uma averiguação mais detalhada dos fatos e uma apresentação mais humana dos personagens. E, ao abordar um tema que influenciou a história de um país e de seus moradores, é necessário coletar o máximo de informações, para que o relato se apresente o mais próximo possível da realidade.

1 FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

Bem-aventurados os que, depois de escutar este sermão, aplicarem todo o ardor infantil no peito maduro para desejar a vitória do selecionado brasileiro nesta e em todas as futuras Copas do Mundo, como faz o velho sermoneiro desencantado, mas torcedor assim mesmo, pois para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração. (DRUMMOND DE ANDRADE, 1974, p. 137).

As palavras finais do “Sermão da Planície (para não ser escutado)”, publicado pelo cronista Carlos Drummond de Andrade no *Jornal do Brasil* em 1974, e depois compilado no livro *Quando é dia de futebol* (Record, 2002), expressam bem o sentimento que domina o brasileiro quando o assunto é futebol. No texto, o autor faz homenagens aos sábios que se distanciam do esporte, especificamente o futebol, para, no final, admitir que pouco importa a razão quando se trata de tão popular esporte.

Mas nem sempre o futebol, esporte mais popular no Brasil, foi artigo de interesse de uma grande massa de apaixonados, como hoje. Na época de sua introdução no país, no final do século XIX, os esportes mais populares eram ainda o turfe e o remo, fato que pode ser comprovado no nome dos grandes times de futebol atuais, que residiam em cidades litorâneas e que até hoje mantêm a referência marítima em suas alcunhas, como o Clube de Regatas Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama, ambos cariocas, ou o Clube Náutico Capibaribe, de Pernambuco. Foi neste período que Charles William Miller, um paulistano nascido em 1874 e descendente de ingleses e escoceses, retornou da cidade inglesa de Southampton, onde fora estudar, e trouxe consigo duas bolas de *football* e a paixão pelo esporte, já amplamente praticado nas escolas britânicas. Foi Miller quem, oficialmente, organizou o primeiro jogo de futebol do Brasil, em abril de 1895, entre os funcionários ingleses e anglo-brasileiros da Companhia de Gás e da Estrada de Ferro São Paulo Railway, com resultado de 4 a 2 para o time da São Paulo Railway.

No entanto, a popularização do futebol não foi imediata. Em seus primeiros anos no Brasil, era um esporte de elites que tinham contato com a cultura estrangeira e acesso aos restritos clubes que o praticavam. No caso de Curitiba, por exemplo, o precursor da modalidade foi o descendente de alemães Fritz Essenfelder, que introduziu o esporte no clube germânico Club Ginástico Turnverein, em 1909. No mesmo ano nascia o Coritiba, ligado à colônia alemã curitibana, que, por sua identificação com os alvos germânicos, ganharia o apelido de “Coxa-

branca”. Outro grande time curitibano, o Atlético Paranaense, também tem suas raízes na elite, tanto que um de seus mascotes é o “cartola”, um aristocrata que traja cartola e fraque, simbolizando a nobreza e a classe superior.

Com o passar dos anos o futebol ganhou destaque e aumentou em popularidade em todas as classes sociais do país. Conquistas da Seleção Brasileira, como o Campeonato Sul-Americano de 1919, ajudaram a difundir o esporte, que começava a ter os primeiros clubes, os primeiros torneios e até os primeiros craques, como Arthur Friedenreich.

Com a criação e popularização dos clubes, começou a aumentar o número de pessoas que torcia por uma equipe. A identificação com um clube passou a ser um traço marcante para o brasileiro que gostasse do futebol. Com a popularidade cada vez maior do esporte bretão, o número de simpatizantes, chamados de “torcedores”, tornou-se cada vez maior, transformando o sentimento de torcida pelo futebol do clube ou da seleção nacional um elemento cada vez mais integrado à personalidade brasileira. Essa identificação específica com algum clube podia ocorrer de diferentes maneiras, como uma atração pelas características do time.

Assim, o Sport Club Corinthians Paulista, fundado em São Paulo em 1910 por operários que foram inspirados pela excursão ao Brasil do Sport Club Corinthian da Inglaterra, ganhou uma maior simpatia da classe operária e do proletariado de um modo geral, enquanto o Palestra Itália, rebatizado posteriormente de Sociedade Esportiva Palmeiras por causa do antagonismo entre Brasil e Itália na Segunda Guerra mundial, atraiu a grande colônia de italianos residente na capital paulista. Desse modo, construíram-se as grandes torcidas que hoje existem, que já não prezam tanto estes traços que originaram os clubes das respectivas preferências – nem todos os palmeirenses contemporâneos tem origem italiana e muitos membros da classe média e alta gostam do Corinthians.

O sucesso do futebol como esporte mais popular do país ficou claro na quarta edição da Copa do Mundo, realizada em 1950 e sediada no Brasil. A competição mobilizou o país, que construiu para a Copa o que foi, durante anos, o maior estádio do mundo: o Maracanã. O estádio, que recebeu mais de 200 mil pessoas para a final realizada entre Brasil e Uruguai, foi palco de uma grande decepção esportiva para o público presente que, acreditando em uma vitória da Seleção Brasileira, viu a conquista da taça pelos uruguaios, numa vitória por 2 a 1, com gols de Schiaffino e Gigghia para os uruguaios e Friaça para o Brasil. Esta

derrota em território próprio, com a presença de uma torcida com esperanças alimentadas pelas belas atuações da equipe nos jogos anteriores (goleadas como um 7 a 1 sobre a Suécia e um 6 a 1 contra a Espanha) e pelas manchetes dos jornais, que apontavam o Brasil como campeão antes mesmo da realização da final, tornou-se um grande trauma na população apaixonada por futebol que acompanhou a seleção. O jornalista Armando Nogueira, presente no estádio, descreve o final do jogo com uma imagem de frustração e desolação extremas por parte dos torcedores:

E daí a cena pungente da multidão absolutamente aparvalhada, no estádio silencioso. Atrás das pessoas saindo do estádio, um rastro de desolação. [...] O povo descendo a rampa, em silêncio, parecia um cortejo fúnebre. Parecia, não – era mesmo. Tínhamos acabado de enterrar a soberba nacional. Perdemos um título ganho, de boca, na véspera. (NOGUEIRA, 1994, p. 28).

Essa sensação de derrota, que se tornou um sentimento de frustração e impotência, incitou o jornalista carioca Néelson Rodrigues a criar, em suas crônicas, o “Complexo de vira-lata”. Rodrigues definia o Complexo como “a inferioridade em que o Brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” (RODRIGUES, 1958). Ou seja, para Rodrigues, o brasileiro tinha, naturalmente, um espírito perdedor e, por se sentir pior que os estrangeiros, acabava sendo derrotado. A final de 1950 seria um exemplo desta situação. Cunhada às vésperas da Copa do Mundo de 1958, realizada na Suécia, a expressão traduz a opinião de Rodrigues sobre o brasileiro, inspirada pelas derrotas nas copas de 1950, já mencionada, e de 1954, realizada na Suíça com eliminação do Brasil após jogo contra a Hungria.

Essa imagem de derrotado começou a mudar em 1958, quando o Brasil conquistou o primeiro título mundial, já contando com grandes jogadores como Pelé e Garrincha e, com a conquista do bicampeonato na Copa seguinte, realizada em 1962 no Chile. Um sentimento de confiança passou a vigorar. Com uma seleção que demonstra um futebol brilhante e vencedor, aliado ao fato de grandes jogadores atuarem pelos clubes nacionais, os brasileiros se tornam cada vez mais ligados ao esporte. Euforia esta retratada nas linhas traçadas por Carlos Drummond de Andrade, na crônica “Celebremos”, escrita em 1958, após a conquista alcançada pela seleção:

Como deixar de lançar papezinhos ao ar, sujando a cidade mas engrinaldando a alma, e de estourar bombas da mais pura felicidade e glória, mesmo que arrebetemos os próprios tímpanos, se não há jeito de reprimir a onda violenta de alegria que se alça até nos mais ignorantes do futebol, criando esse calor, essa luz de unanimidade boa, de amor coletivo, de gratidão à vida, que hoje nos irmana a todos! (DRUMMOND DE ANDRADE, 1958, p. 39).

Com os títulos posteriores da Seleção Brasileira, que se tornou a primeira a conseguir três títulos mundiais com a conquista da Copa do Mundo do México em 1970, a primeira a obter quatro conquistas com êxito nos Estados Unidos em 1994 e, em 2009, é a única pentacampeã após a vitória no Mundial de 2002, realizado no Japão e na Coréia, o brasileiro e os habitantes de outros países do mundo passaram a reconhecer o Brasil como uma autoridade futebolística.

Dessa forma, o futebol se incorporou ao cotidiano do brasileiro de maneira definitiva, sendo alvo de uma paixão que, podendo ser festiva e unificadora no caso da seleção brasileira, é muitas vezes doentia e obsessiva quando se trata do amor do torcedor pelos clubes. Seja qual for a classe social, o fanatismo pelos clubes pode existir e, aliado a um comportamento de grupo, fazer com que o torcedor assimile o time de sua preferência como um traço definitivo de sua própria personalidade, transformando a experiência de acompanhar o clube, vivenciando suas conquistas e derrotas acompanhado de outros com mesmas preferências, em algo necessário para o indivíduo.

Torcedores assim eram comuns nas áreas populares dos estádios, que tinham os ingressos mais baratos e os lugares com a pior visibilidade. Um exemplo era a geral do Maracanã, já extinta, que dava oportunidade aos mais diversos torcedores, conhecidos popularmente como “Geraldinos”, de poderem assistir aos jogos dos times pelos quais tinham preferência. Outro exemplo é a “coreia”, também extinta, que ficava no estádio Beira-Rio, do Sport Club Internacional, e se assemelhava à geral do Maracanã. Sobre a coreia e os torcedores que a freqüentavam, Luis Fernando Verissimo transformou em palavras a sua impressão:

O freqüentador da coréia é o único torcedor autêntico do futebol. Não é o espetáculo que o atrai. Dali onde ele fica não se vê espetáculo algum. A única visão desimpedida que ele tem é dos fundilhos do bandeirinha, o resto ele adivinha. O coreano está ali porque tem que estar. Seu compromisso não é com o jogo, que ele não vê, é com o time. Como não enxerga os detalhes, vive apenas os momentos decisivos do jogo, as grandes explosões. O resto é uma angústia cega, de pescoço esticado. Todas as outras misérias da sua vida lhe são impostas, está é a única miséria que ele

escolhe. Porque – é difícil falar nele sem cair na pior literatura – é a única que lhe dá uma sensação mínima de redenção. O gol, a explosão, o seu instante semanal de triunfo. O resto da sua vida é sempre zero a zero. (VERISSIMO, 2004, p. 88).

Logo, é notável que o torcedor brasileiro muitas vezes procura no futebol uma forma de enfrentar a realidade. Ao ver uma vitória do seu time do coração, o aficionado transfere para si a glória, como se fosse seu o chute que definiu a vitória ou sua a defesa que evitou a derrota. Assim, o futebol é um elemento que, de maneira única no país, pode transmitir a qualquer pessoa, ou mesmo à nação que o adota, a sensação de vitória, a confiança do vencedor. É neste sentido que o sociólogo Roberto DAMATTA abordou o futebol como elemento social:

[..]temos que dele falar como um instrumento de resgate da cidadania e de uma confiança em nós mesmos que nenhuma outra instituição chegou a dar ao Brasil na mesma proporção. No caso brasileiro, não foi nem a Igreja, nem o Estado, nem a literatura, nem as ciências sociais, nem a política, nem as Forças Armadas, nem a Universidade, nem o sistema financeiro, nem a burguesia que promoveram a confiança requerida na construção de uma identidade nacional positiva e realmente aberta. Ao contrário, todas essas instituições têm sido sistematicamente vistas, com exagero ou não, como fracassos totais. Mas foi o futebol que permitiu uma visão mais positiva e generosa de nós mesmos, num plano realmente nacional e popular, como nenhum livro, filme, peça teatral, lei ou religião jamais realizou. (DAMATTA, 1986, p. 91).

Elemento de resgate da cidadania ou estímulo a sentimentos agressivos, é fato que o futebol é parte integrante da sociedade brasileira, abrangendo todas as classes sociais e movendo milhões de apaixonados no país a irem aos estádios, comprar ingressos e camisas, e protagonizar cenas que variam entre belas demonstrações de amor a uma organização de condenáveis atos de vandalismo e violência, motivados, entre outros motivos, pela paixão irracional que os elementos futebolísticos, incluindo o jogo, os estádios e as torcidas, podem despertar nos seus seguidores. Afinal, como frisou Drummond na crônica mencionada no início do capítulo, é para o diabo que vai a razão “*quando o futebol invade o coração*” (DRUMMOND, 1974).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO LIVORREPORTAGEM

Para a melhor compreensão do que é livrorreportagem, foram explorados os conceitos que definem notícia e reportagem do autor Edvaldo Pereira LIMA (1993) e as bases teóricas do movimento conhecido como New Journalism, surgido durante a década de 60 nos Estados Unidos, que teve nomes como os de Tom Wolfe e Truman Capote como integrantes.

De acordo com LIMA (*Páginas Ampliadas*, 1993), a notícia norteava o chamado “jornalismo informativo” (p. 24), que tinha como objetivo principal informar de maneira concisa e exata apenas os fatos, sem delinear contextos em que esses fatos eram inseridos. A construção da notícia tem como base a resposta às perguntas básicas do jornalismo: “o que”, “quem”, “quando”, “como”, “onde” e “por quê”, respondidas por meio da linguagem mais simples possível. Para LIMA, elas devem corresponder a um “*acontecimento real que seja de interesse a pelo menos um grupo importante dentre os segmentos de receptores de uma dada mensagem jornalística.*” (p. 23, 1993).

Essa forma de produção jornalística preza pela atualidade dos fatos, e por vezes pode pender à superficialidade. Segundo LIMA (1993), esse conceito de atualidade é mais tolerante, podendo fatos passados tornarem-se notícia justamente porque algo de novo os trouxe à tona novamente, o que provocou o interesse público.

A simples resposta às seis perguntas básicas tornava a mensagem jornalística insuficiente, superficial. Com a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1919) o público passou a questionar a atuação dos meios de comunicação, que ofereciam poucos subsídios para uma interpretação mais completa da realidade, já que apresentavam relatos sucintos. Devido a essa constatação, o processo de cobertura jornalística passa a compreender um novo formato de divulgação, a reportagem, constituída basicamente pelo *jornalismo interpretativo*, trabalhado, segundo LIMA (1993), com base em alguns ou em todos os seguintes itens: contexto do fato, seus antecedentes, utilização de suporte especializado (pesquisas que otimizem a informação), projeção desse fato (apontamento de possíveis desdobramentos) e perfil, que constitui o lado humanizado da reportagem (1993, p. 26). Isso permite

uma melhor apuração e investigação, o que conduz à elaboração mais completa do relato jornalístico.

[A reportagem] É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a *grande-reportagem*, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o *lead* e as pirâmides (...). (LIMA, 1993, p. 24).

Ao contrário da notícia, segundo LIMA (1993), a reportagem se aprofunda mais no acontecimento. O *livrorreportagem*, por sua vez, pode ser considerado um ápice da *grande-reportagem*, porque combina fatores jornalísticos como o compromisso com a realidade e a relevância do tema com a dinâmica literária presente em obras de ficção. Entretanto, há diferenças entre os dois formatos, de acordo com LIMA (1993), principalmente no que tange à dimensão adquirida pelos fatos.

“Esse ‘grau de amplitude superior’ pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores.” (LIMA, 1993, p. 29).

Além das diferenças existentes entre reportagem e *livrorreportagem*, é necessário abordar também as diferenças existentes entre as publicações classificadas como livro e o *livrorreportagem*. LIMA (1993) afirma que aspectos como conteúdo, tratamento e função (p. 29) tornam clara a diferenciação entre um e outro. O primeiro remete àquilo de que se fala, o *objeto de abordagem* (p. 29); o segundo aspecto corresponde à forma como são descritos os fatos, levando em consideração pontos do jornalismo bem como da literatura. A edição também passa pelo crivo desses dois lados da produção, o que torna o *livrorreportagem* mais dinâmico. Com relação à função exercida pelo formato, é possível afirmar, com base nos critérios de LIMA (1993), que o formato serve para informar com mais precisão e amplitude sobre os acontecimentos de interesse geral. O *livrorreportagem* assume, muitas vezes, o papel de uma publicação tradicionalmente jornalística (como a notícia e a reportagem): o de “*informar, orientar, explicar*” (p. 30).

Em *Páginas Ampliadas* (1993), LIMA trabalha com a hipótese de que há mais liberdade na produção de um *livrorreportagem*. Liberdade de tema é uma

delas, e torna possível ao jornalista a escolha por assuntos locais, nacionais ou mundiais. A diversidade de angulação que o autor possui em suas mãos também é considerada um avanço trazido pelo livrorreportagem: não há compromisso com a imparcialidade, por isso fica clara a participação do profissional na produção do texto.

Devido ao maior tempo de produção, as fontes também podem ser diferenciadas. O ritmo não acelerado permite que pessoas que normalmente não aparecem na mídia possam conceder depoimentos e entrevistas. A linha do tempo é outro fator negociável, já que podem ser trabalhados acontecimentos do passado que remetam ao ocorrido no presente. Para a melhor compreensão de um acontecimento, o passado e o futuro devem ser abordados, como forma de resgatar as causas e apontar possíveis conseqüências. Fica a cargo do autor também a abordagem que será adotada, retratando todas as faces de um acontecimento. É o que acontece também com o objetivo do livrorreportagem, que pode ir além de informar o leitor e chegar a esclarecimentos dos fatos, para manter a população tão informada a ponto de produzir seus próprios pensamentos sobre a realidade.

2.1 NEW JOURNALISM E LIVRORREPORTAGEM

Com a industrialização da imprensa, os fatos passaram a ser noticiados mais rapidamente, o que prejudicava a coleta de informações suficientes para um relato completo, que oferecesse a base necessária para o leitor entender, por meio de apenas um relato jornalístico, o que circundava os acontecimentos.

Nesse contexto, surge, na década de 1960, o *New Journalism*, movimento estadunidense encabeçado por autores como Tom Wolfe, Truman Capote e Norman Mailer, que resgataram o jornalismo literário, surgido ainda na década de 1950. Autores da corrente buscavam uma narrativa do real mais complexa e mais informativa. Havia mais detalhamento e profundidade nas investigações realizadas para uma reportagem, principalmente devido ao maior espaço de tempo para produzi-las. A extensão de algumas reportagens produzidas na época foi tão grande que o livrorreportagem surgiu como o suporte necessário para arquivá-las.

LIMA (1993) afirma que as reportagens passaram por uma espécie de evolução necessária até o livrorreportagem, já que os veículos tornavam-se

insuficientes para a narrativa dos fatos, e o New Journalism passa a ter características próprias. Reportagens deixam de ser apenas o trabalho dos jornalistas responsáveis pelos *features*, ou matérias frias (1993, p. 146), para terem sua excelência em revistas especializadas nesse novo formato e, mais tarde, compiladas em livros.

Começam pelos *features*. Mas aos poucos o vão transformando até o ponto de não mais haver identificação com o modelo que lhes dá partida. Começam pelos jornais – *Herald Tribune*, *Daily News*, *The New York Times* –, crescem para as revistas dominicais de alguns periódicos – a *New York*, do mesmo *New York Herald Tribune*, por exemplo –, amadurecem em revistas independentes – notadamente *The New Yorker* e *Esquire* – e finalmente alcançam o olimpo do estrelato narrativo no livro-reportagem, tendo como marco inicial da maturidade alcançada *A Sangue frio*, de Truman Capote, lançado originalmente em 1966. (LIMA, 1993, p. 148).

Segundo LIMA (1993), o New Journalism pode ser considerado como uma retomada do jornalismo literário, que utiliza técnicas da literatura em todos os momentos da produção (captação, redação e edição).

No Brasil, o New Journalism demorou a ser incorporado pelos jornalistas, por conta da Ditadura Militar. Em um primeiro momento, o movimento aparece no país por meio de revistas, como a *Realidade*. Apenas nos anos 90, o livro-reportagem começa a aparecer, já quando começava a abertura política brasileira.

3 A ESCOLHA DO LIVRORREPORTAGEM COMO SUPORTE PARA CONTAR A HISTÓRIA

3.1 JORNALISMO LITERÁRIO, LIVRORREPORTAGEM E ASPECTOS DA LEITURA: CONCEITOS DE MARK KRAMER E VINCENT JOUVE

A grande questão de jornalistas literários quando estão em prolongadas imersões é a compreensão do tema em um nível que Henry James chamou de “felt life” (“vida sentida”) - o nível franco, o nível livre de idealizações, que apresenta as diferenças individuais, a fragilidade, a delicadeza, a sordidez, a generosidade, a futilidade, a pompa, a humildade. Tudo nas devidas proporções. Isso põe em confronto verdades premeditadas e explicações burocráticas, deixa expostos maneirismos, auto-decepções, hipocrisias e encantos – características só utilizadas quando a serviço de uma compreensão ainda mais profunda. (KRAMER, 2007)

Professor, escritor e jornalista literário norte-americano, Mark KRAMER coloca o jornalismo literário¹ como uma forma diferente de retratar os fatos. Segundo o texto do qual foi retirado o fragmento citado acima, intitulado *Regras Rompíveis do Jornalismo Literário*, publicado no *Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction* (Ballantine Books, 1995) e reproduzido no site da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) em 2007, KRAMER entende esse gênero jornalístico como dotado de criatividade – proveniente do braço literário. “Como alguém engajado no assunto, vejo a palavra ‘literário’ como uma forma de auto-congratulação e ‘jornalismo’ uma maneira de mascarar a criatividade dessa modalidade” (KRAMER, 2007).

No decorrer de seu texto, KRAMER aponta algumas, como ele mesmo chama, *peculiaridades definidas* do jornalismo literário, com base em seu próprio trabalho e no trabalho de outros autores como Mark Twain, Stephen Crane, James Agee, Ernest Hemingway, A. J. Leibling, Joseph Mitchell, Lillian Ross e John Steinbeck. Também utiliza autores ligados ao chamado Novo Jornalismo, como Norman Mailer, Truman Capote, Tom Wolfe e Joan Didion. Outros nomes também foram analisados por KRAMER e citados no trabalho: John McPhee, Edward Hoagland, Richard Rhodes, Tracy Kidder, Mark Singer, Richard Preston e Adrian Nicole LeBlan.

¹ Em *Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction* (Ballantine Books, 1995), reproduzido no site da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) em 2007, KRAMER aponta vários autores de livrorreportagem como jornalistas literários. Por isso e por meio da leitura do artigo, interpretamos neste trabalho que KRAMER acredita que o livrorreportagem é jornalismo literário, já que apresenta todas as características apontadas pelo autor.

Com base nos trabalhos dos autores citados acima, KRAMER propõe oito características do jornalismo literário e do jornalista literário. A seguir são mostrados três desses oito aspectos, como forma de ajudar a esclarecer os motivos que nos levaram a escolher o livro-reportagem como suporte.

O primeiro aspecto apontado por KRAMER é a profundidade dos fatos que pode ser alcançada, devido à imersão no assunto e na vida do entrevistado. Para comentar sobre isso, relembra alguns episódios de sua vida profissional, nos quais passou muito tempo com o entrevistado, experimentando suas rotinas. Fala sobre o mês que passou com um time de beisebol, sobre os cinco anos em que esteve na Rússia observando o cotidiano durante a Perestroika (abertura econômica), sobre o ano em que passou em hospitais e salas de cirurgia, e sobre outros anos que passou na realidade das plantações e escritórios rurais dos Estados Unidos.

Em todas essas oportunidades, segundo KRAMER, houve tempo para o aprofundamento, para a compreensão mais completa do objeto que pesquisava. De acordo com o jornalista, eram oportunidades em que era possível ouvir as pessoas sem preconceitos, pois a imersão no dia a dia era tão grande que, de acordo com ele, tornava-se possível compreender as atitudes e o ambiente em que o objeto de pesquisa estava inserido. Outro benefício citado por KRAMER é o fato de poder pesquisar os assuntos com mais calma, inteirar-se do contexto em que estão inseridos os fatos. Para ele, o nível de compreensão que esses momentos permitem é difícil de ser alcançado.

Este é o nível no qual pensamos nossas vidas todos os dias, quando não estamos nos enganando. Sem dúvida, um nível muito difícil de alcançar, quando se trata de outras pessoas. É preciso confiança, tato, firmeza e tolerância de ambas as partes – do escritor e da fonte. Na maioria das vezes, isso pode levar semanas ou meses, incluindo o tempo para ler assuntos relacionados, como economia, psicologia, política, história e ciência. Jornalistas literários elaboram notas contendo as palavras de citações, sequências de acontecimentos, detalhes que expõem a personalidade, atmosferas e conteúdos sensoriais e emocionais. Temos mais tempo do que os jornalistas diários. Tempo para previsões e para retomar os estímulos iniciais. Ainda assim, encontrar o sentido para tudo o que acontece – escrevendo com humanismo, equilíbrio e pertinência – é uma missão encantadora, intimista e nunca plenamente alcançável. (KRAMER, 2007)

Como mostra o trecho acima, KRAMER acredita que produzir um material jornalístico-literário é uma tarefa difícil, pois precisa que o autor equilibre diversas

grandezas no momento de escrever, para que a veracidade dos fatos seja mantida juntamente com a linguagem *intimista* proporcionada pela literatura.

Para um estudante de jornalismo, ter a oportunidade de realizar uma tarefa como essa é muito importante. Poder aprofundar os conhecimentos sobre um fato – no caso deste trabalho, sobre a relação entre poder e esporte em alguns episódios da história – foi um dos motivos que levou à escolha pela produção de um livrorreportagem.

Outra característica do jornalismo literário, segundo KRAMER, é o papel do narrador. Para ele, um repórter do cotidiano evita mostrar suas convicções nas matérias diárias, por acreditar que isso não é objetivo. E as peculiaridades das fontes, suas falas, expressões e jeitos também acabam por desaparecer no relato oferecido por muitos desses jornalistas. Como será possível observar no trecho abaixo, KRAMER acredita que os profissionais acabam renegando suas crenças em busca de um retrato “fiel” da realidade, o que, para ele, não acontece no jornalismo literário.

No Jornalismo Literário, o narrador não é um expositor impessoal e obediente à escrita acadêmica, que apresenta materiais de pesquisa cuidadosamente mas sem pensar no leitor; tampouco o jornalista literário é um escritor objetivo e factual, ou um imparcial informante ortodoxo de um noticiário. O narrador em Jornalismo Literário tem uma personalidade, é uma pessoa complexa, profunda, franca, irônica, oblíqua, confusa, judicativa e até auto-irônica (...) Os repórteres do dia-a-dia evitam com veemência como se tais posturas fossem anti-profissionais e não objetivas. Os repórteres do dia-a-dia são treinados para não revelar suas reações e não expor nenhuma visão pessoal. (...) O resultado desse modelo acadêmico, ao qual o jornalismo diário tenta se filiar, é a apresentação ao leitor do que parecem ser “os fatos”, “fatos” entregues sem vida, sem individualidade, convencionalizados e, por isso, sob uma voz presumivelmente justa e neutra. Obviamente, muita coisa é deixada de lado. (KRAMER, 2007)

Para KRAMER, ao trabalhar com o jornalismo literário, o repórter tem o aval para utilizar a própria experiência e opinião para analisar os acontecimentos. As complexidades do autor podem emergir e a linguagem não precisa ser dotada de formalidades. Levando isso em consideração, o Trabalho de Conclusão de Curso pareceu boa oportunidade de experimentar essa forma de jornalismo tão atraente, que permite certas liberdades que não são comumente vistas no jornalismo diário, na realidade dos estúdios.

Além da possibilidade de se posicionar no texto, KRAMER também fala sobre o pacto feito entre leitor e autor na produção jornalístico-literária. Ele se refere

à exatidão na compilação dos fatos, em que ambas as partes – fonte e repórter – compreendam exatamente o que será abordado no produto final. Para ele, o repórter se propõe a contar a verdade e o leitor deve aceitar e confiar em tal conduta, para que a informação seja passada adiante. Como afirma no texto, “*O poder da prosa depende da aceitação do leitor em relação aos termos claramente expostos pelo autor*” (KRAMER, 2007).

Ao expor ao leitor exatamente o que trabalho propõe, o jornalista pode fazer o exercício de retratar a realidade com ou sem a interferência de suas crenças. De acordo com KRAMER, o público é exigente quanto à veracidade, o que faz com que os profissionais do jornalismo literário busquem a melhor maneira de retratar os fatos.

(...) em conversas com amigos escritores e em painéis de discussões em conferências, convenceram-me de que jornalistas literários passaram a compartilhar um acordo concreto e implícito com os leitores, tão forte que vale um contrato: os escritores fazem exatamente o que aparentam fazer, que é agarrar a realidade o mais próximo que conseguirem, e não inventá-la. (KRAMER, 2007)

Esse acordo concreto e implícito de que fala KRAMER também pode ser compreendido pela obra de Vincent JOUVE: *A leitura* (Editora UNESP, 2002). De acordo com ele, a produção de um texto em geral não é um exercício solitário, pois nenhum texto ganha sentido por si mesmo: é necessário, segundo JOUVE, que haja um leitor que se proponha a entender o que ele significa. O leitor deve aceitar o papel de intérprete das palavras que lê.

Segundo JOUVE (2002), para que o leitor de fato aceite compreender o que lê com base nas propostas do autor, é estabelecido um pacto: o *pacto de leitura* (JOUVE, 2002, p. 67). De acordo com o autor, a contribuição do leitor é muito importante no momento da interpretação do que é mostrado. “*O texto, estruturalmente incompleto, não pode abrir mão da contribuição do leitor.*” (JOUVE, 2002, p. 62). A produção de um livrorreportagem, por sua vez, também pode ser inserida na categoria de textos que dependem do leitor para “acontecerem”: também não é um trabalho solitário, pois depende da compreensão do leitor que, por sua vez, só é possibilitada se o *pacto de leitura* for estabelecido.

Para que essa contribuição aconteça da melhor maneira possível, o *pacto de leitura* propõe convenções (JOUVE, 2002, p. 67) que devem ser seguidas pelo autor,

a fim de guiar o leitor durante a absorção das informações. Dependendo do gênero a que pertence a produção, ela será lida de uma ou outra maneira. Nas palavras de JOUVE (2002), “Num nível muito geral, a obra define seu modo de leitura pela sua inscrição num gênero e seu lugar na instituição literária.” (p. 67).

O gênero remete para convenções tácitas que orientam a expectativa do público. Se o leitor aceita sem problema ver mortos ressuscitarem em uma narrativa fantástica, ele se chocará com o mesmo acontecimento num romance policial. (...) Diante de uma obra confusa ou desconcertante, ao se apoiar na caução fornecida pela instituição literária, o leitor acreditará no texto e tentará encontrar uma pertinência naquilo que, *a priori*, lhe causa problemas. (JOUVE, 2007, p. 67).

Compreende-se que o que JOUVE quis dizer é algo como “eu, como autor, digo o que você, leitor, vai encontrar em meu texto, e você deixa-se levar”. No caso do livrorreportagem, o leitor parte do pressuposto de que as informações ali contidas são fatos reais, são as experiências verdadeiras pelas quais passaram as fontes.

Essas informações são passadas por meio de *dois espaços* (p. 67) citados pelo autor: *o incipit* (p. 67), que configura a apresentação explícita das intenções logo nas primeiras linhas do texto, inserindo rapidamente o leitor no universo proposto – por exemplo, a inscrição “Era uma vez” no início da maioria dos contos de fadas. É o que JOUVE (2002) chama de *embreagem de ficcionalidade* (p. 68). A partir da leitura do *incipit*, é possível entrar na realidade do texto e compreendê-lo pelas intenções do autor.

O outro *espaço* é o *peritexto* (p. 67), conceito de G. GENETTE (1987) que JOUVE utiliza em seu trabalho. Esse espaço compreende prefácios, introduções e avisos, que orientam de que forma a leitura deve ser conduzida, como a obra deve ser lida. No caso das introduções, de acordo com JOUVE (2002), elas servem para que tudo seja compreendido da melhor maneira possível, para evitar que não haja más interpretações. Segundo ele, a introdução pode ajudar o autor a “*expor claramente suas intenções a fim de prevenir qualquer erro de leitura.*” (JOUVE, 2002, p. 68). No caso do livro “Tudo é um só coração, pra frente Brasil”, esse espaço é preenchido pela introdução, que oferece ao leitor um pouco do que poderá ser encontrado.

O *pacto de leitura*, possível pelos *dois espaços* citados acima, tornou-se outro atrativo, que nos levou a pensar sobre a produção de um livrorreportagem. Isso porque no livro seria possível mostrar ao leitor, na introdução, nossas intenções

com a produção do material. Teríamos a chance de tentar explorar uma forma diferente de contar histórias reais, podendo apresentar ao leitor onde queríamos chegar e sabendo que ele iria compreender nossas intenções.

Os conceitos apresentados acima, de KRAMER (2007) e JOUVE (2002) – a profundidade possível do jornalismo literário, a voz mais humana do profissional e o pacto estabelecido com o leitor – podem ser considerados como alguns dos fatores inspiradores para que optássemos pelo livrorreportagem.

Além desses dois autores, também procuramos conceitos para basear nosso trabalho na pesquisa do jornalista brasileiro Edvaldo Pereira LIMA, publicada no livro *Páginas Ampliadas – O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (Editora da UNICAMP, 1993). Tais conceitos são abordados no tópico 8.2 deste trabalho.

3.2 CONCEITOS DE EDVALDO PEREIRA LIMA

Para ajudar a explicar a escolha pelo formato livrorreportagem para apresentar nossa pesquisa, também optamos por conceitos trazidos por Edvaldo Pereira LIMA, em *Páginas Ampliadas – O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (Editora da UNICAMP, 1993).

O primeiro conceito que nos vem em mente relaciona o tema escolhido com o formato de apresentação. Trata-se da chamada *liberdade temporal* (p. 71). O livrorreportagem é um suporte que permite o resgate dos acontecimentos. Fatos que já foram notícia e que já geraram discussões no âmbito social podem vir à tona novamente, com diferentes enfoques e produzindo novas discussões. Essa liberdade é apontada por LIMA (1993) como uma das características do livrorreportagem. “*Livre do ranço limitador da presentificação restrita, o livro-reportagem avança para o relato da contemporaneidade, resgatando no tempo algo mais distante do de hoje, mas que todavia segue causando efeitos neste.*” (LIMA, 1993, p. 71).

Talvez esse espaço de tempo existente entre o ocorrido e a produção deste livrorreportagem seja uma forma de complementação. Como LIMA afirma no trecho abaixo, tudo o que já aconteceu torna-se mais nítido aos olhos, as atitudes que

deveriam ser tomadas na época parecem mais claras à medida que passa o tempo, como se quanto maior o tempo entre o ocorrido e a sua análise, mais pontos poderiam ser abordados.

(...) o livro-reportagem que “ressuscita” o passado recente concede-lhe uma sobrevida. No calor dos acontecimentos, nem sempre é fácil perceber os contornos mais completos de suas implicações. O livro-reportagem permite esse retorno ao *que já foi* para lhe reposicionar em termos do que este *representa hoje*, transformando, reequipando de nova vestimenta. A ponte que permite essa conexão entre os fatos desenrolados no passar do tempo, para o leitor, é a periodicidade, testemunho da história em fermentação, registro que tenta fazer com que o homem moderno não se esqueça do movimento interessante da existência. E da periodicidade aproveita-se o livro-reportagem para impedir que a memória do leitor entre no limbo do esquecimento. O vazio de tempo, entre o presente e o passado histórico – que supõe um distanciamento mais prolongado do atual -, é coberto pelo livro-reportagem. (PEREIRA LIMA, 1993, p. 41).

Segundo essa opinião de LIMA, acontecimentos da Ditadura Militar podem ser reavaliados, para que novas interpretações possam ser feitas. Nem todos os fatos da época foram esclarecidos e nem todas as pesquisas sobre o período foram concluídas. Quanto mais se estuda, mais meandros são descobertos e os detalhes aparecem.

A relação entre futebol e política no Brasil teve força principalmente durante a Ditadura Militar – mais especificamente em dois períodos: durante a Copa de 1970 e na década de 80, em que surgiu o movimento “Diretas Já” e a Democracia Corinthiana. Nesses dois momentos ficou clara a influência do esporte em questão sobre a consciência política da sociedade, tanto positiva quanto negativamente. A influência da política no esporte também pode ser observada, com casos como a substituição do técnico comunista da Seleção Brasileira pouco antes do início da Copa de 1970.

Partindo das hipóteses elaboradas com base na relação existente entre o futebol e o poder militar brasileiro, para que houvesse um ponto de partida para a pesquisa, o livro-reportagem se mostrou novamente como a melhor ferramenta que poderia ser utilizada. Uma dessas hipóteses é a de que o General Emílio Garrastazu Médici, que governou o país de 1969 a 1974, utilizou o esporte como forma de manipulação das massas. Num período em que o chamado “Milagre Econômico”, viabilizado pelo então Ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto, deu lugar à crise internacional do petróleo, em 1973, Médici utilizou o poder da imprensa para disseminar a ideia de um país próspero, que combateria os problemas vigentes. Em

1974, Ernesto Geisel assumiu a Presidência, e, num contexto política e economicamente turbulento, o futebol passou a ser a alternativa do governo para desviar a atenção da sociedade dos problemas da administração do país. Ao levar essa possibilidade em consideração, é possível apontar uma reportagem detalhada (uma grande-reportagem ou um livrorreportagem) como a melhor forma de expor os fatos.

Outra hipótese levantada é a de que a imprensa da época auxiliou o governo na empreitada de “distrair” a sociedade com a boa fase do futebol brasileiro, e misturar isso ao nível da administração do país, como se os equívocos do governo pudessem ser perdoados devido ao bom desempenho dos atletas. Esse também constitui um assunto de interesse público, já que toca no nível de comprometimento com o país que os governantes do período militar dispuseram.

Para fazer a análise da relação entre futebol e poder político é necessário tempo e espaço físico. O nível de detalhamento deve ser maior, permitindo a compreensão da relação entre o futebol e a Ditadura Militar por meio de depoimentos de personalidades da época e de apanhados históricos. Essa preocupação com os mínimos detalhes torna o suporte a forma mais detalhada de relato, na medida em que “amplia, para o leitor, a compreensão da realidade.” (LIMA, 1993, p. 55).

Ampliação da visão dos fatos foi o ponto-chave que buscamos na elaboração deste trabalho. Tivemos como objetivo proporcionar ao leitor o reforço dos conhecimentos sobre o período e sua relação com o futebol por meio da apresentação de depoimentos de alguns personagens que vivenciaram aquela realidade. Para tornar isso concreto, novamente o livrorreportagem pareceu a alternativa mais adequada. Em *O que é livro-reportagem* (1993), LIMA aponta para a necessidade de um relato mais completo, de notícias que ofereçam a possibilidade de o leitor lembrar de acontecimentos que podem ser responsáveis pelo fato noticiado.

Por se recusar muitas vezes a esse resgate do tempo histórico, a reportagem fica mutilada no esforço de trazer explicações para o presente. Também pelo vício de se ater aos fatos da atualidade, ao “gancho” – isto é, a ocorrência do presente que justifique buscar alguma coisa no passado -, o jornalismo convencional deixa de atender à recomposição de episódios marcantes da contemporaneidade, mas que não são rigorosamente atuais se olharmos sob um limitado prisma de tempo. (LIMA, 1993, p. 13 – 14).

Outro motivo que nos levou à escolha deste suporte específico foi a chamada *liberdade de fontes*, citada por LIMA (1993, p. 71). Devido ao tempo maior para a produção do livro-reportagem, a coleta de informações pode ser mais lenta e detalhada também. Um maior número de fontes pode ser consultado e não precisam ser, necessariamente, aquelas que estão sempre disponíveis, às quais o jornalista das redações precisam recorrer devido ao curto espaço de tempo de que dispõem para a produção de uma matéria. Há mais tempo para o cruzamento de informações e fatos e há possibilidade de uma maior contextualização, necessária nesse caso. Várias fontes documentais também podem ser utilizadas, de diversas procedências, para auxiliar nesse cruzamento das informações, o que é possível justamente por não ter relação com o ritmo rápido de produção existente nas redações do dia-a-dia.

LIMA (1993) propõe uma classificação de livrorreportagem com base em dois fatores relacionados à obra (p. 44): o *objetivo particular, específico* de orientação, ou seja, de que forma e com que profundidade o livro informa o leitor dos acontecimentos, e a *natureza do tema de que trata a obra*, ou seja, de que espécie de acontecimentos o autor fala.

São 13 classificações possíveis apontadas por LIMA (1993): *livrorreportagem-perfil* (p. 45), que retrata um anônimo ou uma pessoa pública cujas ações interessam o público em geral; *livrorreportagem-depoimento* (p. 45), com a reconstituição de um acontecimento relevante pelos depoimentos de um participante ou testemunha; *livrorreportagem-retrato* (p. 45, 46), que retrata objetivamente uma “região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão” (p. 45), a fim de mostrar o funcionamento e a complexidade; *livrorreportagem-ciência* (p. 46), para divulgações científicas, com foco em um tema específico; *livrorreportagem-ambiente* (p. 46), que procura retratar questões ambientais sem dar muita importância à atuação humana no local; *livrorreportagem nova consciência* (p. 47), que aborda “temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo, resultantes de ebulições significativas do mundo ocidental nos anos 60.” (p. 47); *livrorreportagem-instantâneo* (47), nome que LIMA dá ao *livro-flash*, que trata de um acontecimento recente, cujas conclusões já podem ser vistas; *livrorreportagem-atualidade* (p. 48), parecido ao instantâneo por abordar temas atuais, mas diferente no que se refere à “perenidade no tempo” (p. 48), ou seja, permite que o leitor entenda o contexto histórico de um fato que ainda não

possui desfecho; *livrorreportagem-antologia* (p. 48), que apresenta uma compilação de reportagens de um autor ou sobre determinado tema; *livrorreportagem-denúncia* (p. 49), com forte caráter investigativo, que objetiva denunciar injustiças, abusos de poder e outras irregularidades; *livrorreportagem-ensaio* (p. 49), com presença forte da opinião do autor, de forma a levar o leitor a compartilhar de suas visões; *livrorreportagem-viagem* (p. 49), em que uma viagem conduz a produção de um retrato da sociedade, da história e dos aspectos humanos; e, por fim, *livrorreportagem-história* (p. 46), conceito no qual acreditamos que nossa produção possa ser encaixada, pois trata de aspectos históricos e de suas interpretações. LIMA afirma que, no caso do *livrorreportagem-história* trata de temas contemporâneos, ou seja, que permanecem atuais, mesmo com o passar do tempo.

[O livrorreportagem-história] Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados. *Oiga*, de Fernando Moraes, é um bom exemplo. A meu ver, a presença no Brasil novamente de Luís Carlos Prestes, a partir dos anos de redemocratização recente, facilitou a “atualização” do tema, dada a projeção pública de Prestes. (LIMA, 1993, p. 46)

Acreditamos que o tema que escolhemos e a forma como pretendemos retratá-lo faz com que nosso livrorreportagem faça parte da classificação citada acima. A Ditadura Militar é um período da história brasileira bastante conturbado, que atualmente ainda provoca discussões, tanto em ambientes acadêmicos quanto em conversas comuns entre as pessoas. As ações militares, a Lei da Anistia, que completou 30 anos em 2009, e até mesmo a discussão sobre processar os torturadores do período da ditadura - questão levantada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro, e pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – mostram que o assunto é, de fato, contemporâneo no sentido de permanecer atual, apesar do passar dos anos.

4 O LIVRO-REPORTAGEM “TUDO É UM SÓ CORAÇÃO. PRA FRENTE BRASIL – UM RELATO DO FUTEBOL NA DITADURA MILITAR”

4.1 SOBRE OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Inicialmente definimos como tema do livro-reportagem a relação existente entre futebol e a Ditadura Militar Brasileira. Partindo dessa ideia, tínhamos como focos principais a questão da Copa de 1970, realizada durante o período do governo militar do General Emílio Garrastazu Médici, e a Democracia Corinthiana, movimento do início da década de 1980, no qual jogadores do Corinthians propuseram uma igualdade entre todos os funcionários do clube, desde os atletas até os presidentes. Todas as decisões seriam tomadas por meio de votos, que teriam peso igual.

Após o início das orientações do trabalho, porém, o foco foi modificado. Em lugar de tratar apenas do episódio da Copa de 1970, em que o treinador João Saldanha, comunista militante, foi convidado a retirar-se do comando da seleção brasileira, optamos por retratar a relação entre poder e futebol de uma maneira mais ampla, abrangendo também fatos ocorridos fora do território brasileiro em outros períodos históricos. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica, que nos levou a abordar os seguintes eventos: as Olimpíadas de Berlim (1936) e de Pequim (2008), a Copa de Mundo de 1938, na Itália, e a Copa de Mundo de 1978, na Argentina.

Além disso, decidimos pelo aprofundamento na questão da política paranaense relacionada ao futebol do estado do Paraná.

Diante dos objetivos propostos, passamos a tomar como base teórica referências bibliográficas sobre o desenvolvimento do futebol no Brasil (aspecto abordado no presente trabalho) e a influência que ele provocou na construção da identidade nacional brasileira e sobre a Ditadura Militar Brasileira. Além disso, pesquisamos sobre o esporte no Paraná e sobre a sua relação com o governo do estado e com o Governo Federal.

Na parte das entrevistas, pensamos inicialmente em utilizar como fontes jornalistas e jogadores de destaque da época. Isso mudou quando optamos por focar a realidade do Paraná da época. Nesse momento, decidimos que o melhor seria conversar com atletas e membros da diretoria dos dois clubes paranaenses de grande destaque: Coritiba Foot Ball Club e Clube Atlético Paranaense. No entanto, conforme avançamos em nosso trabalho de pesquisa, verificamos a importância de

retratar também a situação dos outros clubes do estado: por exemplo, o Colorado Esporte Clube, que, junto ao Pinheiros, deu origem ao atual Paraná Clube e que contava com uma grande torcida durante o período em questão (décadas de 1970 e 1980).

4.2 OS ENTREVISTADOS

Para compreendermos a realidade que pesquisávamos, e para entender como os jogadores lidavam com essa realidade, entrevistamos algumas pessoas que vivenciaram ou que estudaram o período em questão. Abaixo, estão listadas as pessoas que aceitaram conceder um entrevista sobre o assunto:

- Jairo do Nascimento, goleiro que atuou no Coritiba de 1972 a 1976 e de 1983 a 1987. Motivo da entrevista: conhecer a realidade da época a partir do ponto de vista do jogador.
- Aladim Luciano, que atuou como porta-esquerda do Coritiba de 1973 a 1977, de 1979 a 1980 e de 1983 a 1984. Atualmente, é vereador de Curitiba pelo Partido Verde (PV). Motivo da entrevista: conhecer a realidade da época a partir do ponto de vista do jogador e conhecer sua opinião sobre a relação entre futebol e política atualmente, com base em sua carreira de vereador.
- Barcímio Sicupira Júnior, que atuou como meia no Atlético Paranaense de 1968 a 1975. Atualmente é comentarista esportivo da Rádio Banda B. Motivo da entrevista: conhecer a realidade da época a partir do ponto de vista do jogador e conhecer sua visão de comentarista sobre o futebol paranaense.
- Alcedir Madureira, conhecido como Quarentinha, que atuou como atacante no Seleto de Paranaguá em 1964. Motivo da entrevista: conhecer a realidade da época a partir do ponto de vista do jogador.
- Luiz César Gluck, ex-dirigente do Colorado. Motivo da entrevista: conhecer a realidade da época a partir do ponto de vista de um dirigente.

- Mário Celso Cunha, radialista. Atualmente é vereador de Curitiba pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Motivo da entrevista: saber como era o cotidiano de um jornalista esportivo na época da Ditadura Militar e seu ponto de vista como vereador de Curitiba.
- Gilberto Fontoura, jornalista esportivo. Motivo da entrevista: conhecer a realidade da época a partir do ponto de vista do jornalista.
- Carneiro Neto, jornalista esportivo. Motivo da entrevista: conhecer os aspectos do período pelo ponto de vista do jornalista.
- José Domingos, radialista, ex-dirigente do Colorado e do Paraná Clube e atual assessor do vereador João Cláudio Derosso. Conhecer a realidade do período pelo ponto de vista do radialista e ex-dirigente.
- Dennison de Oliveira, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição. Motivo da entrevista: compreender melhor os acontecimentos históricos e o contexto político do Paraná no período da Ditadura Militar.
- Heriberto Ivan Machado, historiador e um dos autores do livro *Futebol do Paraná – 100 anos de história*. Motivo da entrevista: compreender a história e o cenário do futebol paranaense da época militar.
- Luis Carlos Vilarinho, estudioso da história do Botafogo de Futebol e Regatas. Compreender melhor a influência da Ditadura Militar no episódio de João Saldanha, técnico da Seleção Brasileira em 1969.
- Luis Carlos Ribeiro, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e coordenador do grupo de estudos Futebol e Sociedade, da instituição. Motivo da entrevista: saber mais sobre a relação entre futebol, política e sociedade.

- Ernesto Marczal, graduado em História pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e mestrando em História pela UFPR. É membro do grupo Futebol e Sociedade. Motivo da entrevista: saber mais sobre a relação entre futebol, política e sociedade, com foco em periódicos produzidos durante a Ditadura Militar.

- Julião Sobota, atual presidente da Torcida Os Fanáticos, torcida organizada do Atlético Paranaense, e vereador de Curitiba pelo Partido Social Cristão (PSC). Motivo da entrevista: compreender a atual situação do futebol paranaense pelo ponto de vista do torcedor e vereador.

4.3 A CONSTRUÇÃO

Com base no planejamento inicial, foram feitas algumas mudanças no decorrer do processo para adequar o trabalho à nossa realidade. A idéia original de focar principalmente no episódio da Copa de 1970 e de João Saldanha foi substituída pelo enfoque no Paraná, devido à importância de abordar este assunto sob um ponto de vista regional, já que a relação entre futebol e ditadura no Paraná não foi estudada com mais profundidade.

Durante o processo de construção do livrorreportagem, encontramos algumas dificuldades. Uma das principais foi a indisponibilidade de algumas fontes, como o senador Álvaro Dias, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB-PR), autor da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Futebol. Entramos em contato diversas vezes por e-mail e por telefone e não obtivemos resposta.

Tentamos também contatar jornalistas esportivos, como Juca Kfourri, de São Paulo (SP), e Marcos Guterman, de São Paulo (SP). Ambos se mostraram inacessíveis por indisponibilidade na agenda.

Baseados na orientação concedida na pré-banca tentamos ao máximo procurar fontes primárias, que pudessem nos dizer como era a realidade da época, e evitar fontes documentais. Porém, por se tratar de um acontecimento de mais de 30 anos, percebemos impedimentos no momento de contatar as fontes possíveis.

Outra grande dificuldade que encontramos durante a produção está relacionada à linguagem usada em livros. Desde que ingressamos na universidade,

não tivemos muito contato com o estilo de escrita do livrorreportagem. Tivemos aulas sobre o assunto, que ofereceram uma base considerável para compreendermos a realidade do suporte, mas não exercitamos de maneira constante a escrita mais literária. Esse foi um dos motivos que nos levou à opção por produzir um livro, como forma de aprendizado.

No momento em que começamos a escrever o livro, percebemos como é difícil atingir um nível de relato jornalístico misturado a elementos literários, mantendo a seriedade necessária para tornar a narrativa crível. Por várias vezes, acabamos por produzir uma grande matéria em lugar de uma história contada.

Durante o processo, obtivemos outra constatação. Diante dos relatos que nossas fontes ofereceram, alteramos alguns dos focos que havíamos previsto. Uma dessas mudanças foi com relação ao caso de João Saldanha, na Copa de 1970: apesar de termos optado por tratar principalmente do Paraná, esse foi um assunto recorrente em praticamente todas as entrevistas que fizemos. Todos os jornalistas e jogadores, de alguma forma, comentaram sobre o fato, alguns afirmando que havia relação com a Ditadura Militar, como o jornalista Gilberto Fontoura e o radialista e vereador Mário Celso Cunha, e outros afirmando que não, que eram duas realidades completamente distintas, caso do jornalista Carneiro Neto.

4.4 OS CAPÍTULOS

Após o início da produção do livrorreportagem, sentimos a necessidade de modificar a disposição e o conteúdo dos capítulos. Inicialmente, havíamos idealizado um livro com sete capítulos: o primeiro seria direcionado às Olimpíadas de Pequim (2008) e de Berlim (1936), para mostrar a relação entre poder e esporte num âmbito internacional; o segundo ilustraria as Copas do Mundo de 1934, na Itália, e de 1978, na Argentina; o terceiro reproduziria o processo de popularização do futebol no Brasil; o quarto teria o enfoque no episódio de João Saldanha e da Copa de 1970; o quinto trataria de episódios recentes que mostrassem a relação entre poder e esporte; o sexto seria reservado para explicar o contexto político do Paraná durante os anos 1960 e 1970; e o sétimo trataria de aspectos do Coritiba e do Atlético Paranaense durante o governo militar.

Com a continuidade da pesquisa, essa divisão foi modificada, por conta dos motivos que já foram explicados anteriormente neste trabalho. A partir de uma análise do material disponível, chegamos à conclusão de que seria mais produtivo dividir o livroreportagem em duas grandes partes: uma que tratasse, de forma geral, da Ditadura Militar e da influência desse regime no país, com foco, principalmente, no caso de João Saldanha, e outra que focasse no Paraná, com contexto político do estado e com ênfase na relação entre a política e o futebol.

Dentro dessas duas grandes partes, optamos por inserir quatro capítulos, quer tratam, basicamente, da contextualização política e da relação entre a Ditadura Militar e o futebol, tanto no país quanto no estado do Paraná. Abaixo está a síntese desses capítulos:

Parte I

Capítulo 1

Título: *O Brasil depois de 64*

Este capítulo é reservado para contextualizar a Ditadura Militar Brasileira: como foi o Golpe de 64 e quais foram as conseqüências no cenário político brasileiro.

Capítulo 2

Título: *Tudo é um só coração. Pra frente Brasil*

Neste capítulo, tratamos de como se deu a relação entre política militar e futebol no âmbito nacional, com foco principalmente no caso de João Saldanha.

Parte II

Capítulo 3

Título: *E na terra das araucárias...*

Abordamos nesse capítulo o contexto político do Paraná durante a Ditadura Militar.

Capítulo 4

Título: *...a política também rola a bola*

Neste capítulo, tratamos da relação entre política e futebol especificamente no estado do Paraná. Nesse caso, focamos na forma como os times eram privilegiados ou prejudicados pelo governo militar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inegavelmente, o período da Ditadura Militar foi marcante para a sociedade brasileira, tanto na questão da repressão, que impedia uma manifestação livre por parte da população, quanto na questão do desenvolvimento atingido pelo país, citado por algumas das fontes utilizadas para produzir o trabalho. Um exemplo dessa opinião é o professor de História Dennison de Oliveira, que em vários momentos da entrevista afirmou que o período da Ditadura Militar foi marcado por um intenso desenvolvimento, resultado do nacionalismo existente. Em suas palavras, em entrevista concedida no dia 17 de setembro, “Naquela época era maluquice falar em neo-liberalismo, em cidadãos do mundo. Naquela época os estados eram relevantes, as fronteiras eram sagradas e os valores nacionais deveriam ser cultivados”. Marcante também é o futebol para o Brasil – um elemento incorporado pela sociedade e que auxiliou na construção de uma identidade nacional.

Logo, a existência de relação entre os dois elementos – Ditadura Militar e futebol – pode ser considerada, visto que o poder militar desejava uma aproximação da sociedade. Essa aproximação podia ser bastante sutil e convincente se feita por meio do esporte em questão.

Em alguns momentos da história do futebol brasileiro, foi possível perceber a influência política, como no episódio de João Saldanha na Copa de 1970 ou na ida dos clubes paranaenses às disputas nacionais, quando times do interior do estado, como Grêmio Maringá e Londrina, disputaram o principal torneio do país (Campeonato Brasileiro), enquanto o Colorado, com sua grande torcida na capital, sentia-se prejudicado. Vale ressaltar a grande mobilização da torcida Colorada, não por uma sociedade democrática, mas para ver seu clube no principal torneio do Brasil. Isso só reforça a paixão que o futebol suscita nas pessoas. Paixão essa que o governo militar tentava manipular a seu favor.

É notável que, enquanto o futebol era usado como uma ferramenta da Ditadura, era pouco utilizado em prol da democracia, tanto pelos jogadores, que temiam por suas carreiras ou simplesmente não se interessavam pela situação política do país, quanto pelos torcedores que, movidos pela paixão pelo clube, não aproveitavam a visibilidade proporcionada pelas partidas de futebol para produzir manifestações contra o regime. Como muitos de nossos entrevistados confirmam, caso do jornalista Gilberto Fontoura, manifestações políticas em estádios

começaram a aparecer apenas depois do movimento Diretas Já, quando a abertura política já era quase certa.

O Paraná, antes do movimento Diretas Já, que tomou as ruas de Curitiba em janeiro de 1984, carecia de manifestações contra a Ditadura Militar, por diversos motivos que foram expostos em nosso livro, de nome Tudo é um só coração. Pra frente Brasil – Um relato do futebol na Ditadura Militar, que também é o nome do segundo capítulo. Acreditamos que isso se deu pela urbanização mais tardia do estado: em 1950, 25% da população era urbana no Paraná. Apenas em 1980, mais da metade da população passou a viver nas cidades – 55%.

Mesmo que a questão referente ao quanto a política influenciou o futebol durante a Ditadura Militar permaneça em aberto, é fato que o governo ditatorial utilizou-se do esporte mais popular do Brasil – o futebol – para se auto promover. Essa conclusão foi possível com base nos relatos que nos foram concedidos e com base em pesquisas bibliográficas, que nos mostraram a realidade do país durante o regime militar.

6 REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer:** futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol.** Org. DRUMMOND, Luis Mauricio Graña; DRUMMOND, Pedro Augusto Graña. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil:** nunca mais. Petrópolis: Vozes, 1989.

COSTA, Caio Túlio. **Cale-se.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

COUTO, José Geraldo. A elite e o povão. **Carta Capital**, São Paulo, n. 520, p. 63, nov. 2008.

DAMATTA, Roberto. **Explorações:** Ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.

FRANCINE, Soninha. Da omissão aos cadáveres na internet. Blog do Partido Popular Socialista de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 2008. Disponível em: <<http://23pps.blogspot.com/2008/03/soninha-escreve-sobre-represso-chinesa.html>>. Acesso em: 02 de junho de 2009.

JOGOS Olímpicos: Berlim 1936. Gazeta do Povo Online, Curitiba, 02 ago. 2008. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/olimpiadas/conteudo.phtml?tl=1&id=793449&tit=Jogos-Olimpicos-Berlim-1936>>. Acesso em: 12 de maio de 2009.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KRAMER, Mark. Regras rompíveis do jornalismo literário. Site da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), São Paulo, 29 out. 2007. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20071029210735&category=ensaios&lang=>>>. Acesso em: 01 de outubro de 2009.

LIÇÕES de 84. Gazeta do Povo Online, Curitiba, 14 jan. 2009. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/opiniao/conteudo.phtml?tl=1&id=846795&tit=Licoes-de-84>>. Acesso em: 15 de julho de 2009.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 1993.

MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEM, Levi Mulford. **Futebol do Paraná – 100 anos de história**. Curitiba: H. I. Machado, 2005.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Paraná: Política e Governo**. Curitiba: SEED, 2001.

MÁXIMO, João. **João Saldanha**: sobre nuvens de fantasia. Rio de Janeiro: Relume, 2005.

MUYLAERT, Roberto; NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô. **A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé, a autobiografia** / redatores Orlando Duarte e Alez Bellos; tradução de Henrique Amat Rêgo Monteiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

NETO, Carneiro. **O vôo certo – A história do Paraná Clube**. Curitiba: S/ED, 1996.

OLIVEIRA, Dennison. **Estado e Mercado**: Telecomunicações no Brasil. Curitiba: Prephacio, 1991.

OLIVEIRA, Dennison. **Urbanização e Industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

OS 25 anos das Diretas Já e o fim da ditadura militar. Agência Estadual de Notícias, Curitiba, 13 fev. 2009. Disponível em :
<<http://www.aenoticias.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=44761>>. Acesso em: 26 de setembro de 2009.

RELAÇÃO entre Olimpíada e Tibete irrita chineses. O Estado de S. Paulo Online, São Paulo, 26 mar. 2008. Disponível em:

<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,relacao-entre-olimpiada-e-tibete-irritacoes-chinesas,146053,0.htm>. Acesso em 02 de junho de 2009.

RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro**: a história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RODRIGUES, Nelson. **Complexo de vira-latas**. In: À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 52.

TOSTÃO. **Tostão**: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol. São Paulo: DBA, 1997.

UNZELTE, Celso. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

VERISSIMO, Luís Fernando. **Internacional**: colorado ou autobiografia de uma paixão. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.